



A origem social do valor: valor-de-uso e valor-de-troca numa perspectiva dialética

*Gutemberg Miranda**

Resumo: O movimento do valor é dialético e se encontra inserido numa relação de valor. O valor-de-uso, enquanto transporte do valor, ocupa um lugar central na relação de valor e representa o oposto do valor-de-troca. A oposição entre o valor-de-uso e o valor-de-troca demonstra a natureza dialética do valor, desvelando-o enquanto produto de uma relação social e histórica ao mesmo tempo. A teoria do valor exposta n'O capital nasceu da crítica de Karl Marx à economia política e representa tanto uma síntese das reflexões filosóficas marxianas quanto o fundamento a partir do qual Marx desenvolverá sua crítica ao capitalismo.

Palavras-chave: Valor; Teoria do Valor; Karl Marx.

The Social Origin of Value: Value-Use and Value-Exchange in a dialectic perspective

Abstract: The movement of value is dialectical and is inserted in a value relationship. Use-value, as a transfer of value, occupies a central place in the value relation and represents the opposite of exchange value. The opposition between use-value and exchange value demonstrates the dialectical nature of value, and reveals it as a product of both social and historical relations. The value theory revealed in Capital emerged from Karl Marx's political economy critique and represents both a synthesis of Marxian philosophical reflections and the foundation from which Marx will develop his critique of capitalism.

Keywords: Value; Value Theory; Karl Marx.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: gutemg@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3074958751047996>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7816-5820>.

Introdução

O valor-de-uso é uma categoria que expressa a relação dos homens com as coisas, contudo expressa também a relação do homem com o valor. Para que haja valor, é necessário que haja valor-de-uso em oposição ao valor-de-troca. Porém, existem valores-de-uso que não são valor, ou seja, que não fazem parte de uma relação valor e, por isso, não podem ser considerados mercadorias: “Uma coisa pode ser valor-de-uso sem ser valor” (MARX, 2008, p. 62). A distinção que Marx faz entre valor-de-uso e valor ou entre valor-de-uso e mercadoria serve para demonstrar a existência da relação valor. Um valor-de-uso que não é valor representa um valor-de-uso fora da relação valor ou que não possui valor-de-troca e, por isso, não pode ser considerado uma mercadoria.

Existem valores-de-uso sem valor porque foram abstraídos da relação valor, ou por não resultarem do trabalho humano social. Uma coisa útil produzida pelo trabalho representa uma utilidade social; uma utilidade socialmente determinada pelo trabalho e pelo valor é diferente de uma coisa útil sem valor ou que não pode ser considerada uma mercadoria:

É o que sucede quando sua utilidade para o ser humano não decorre do trabalho. Exemplos: o ar, a terra virgem, seus pastos naturais, a madeira que cresce espontânea na selva etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria (MARX, 2008, p. 62).

Um valor-de-uso que não é valor pode ser comparado com um bem natural, quer dizer, não representa uma expressão da relação valor. Quando um valor-de-uso se torna mercadoria, ele é chamado de valor-de-uso social. Quando a produção do objeto não satisfaz uma necessidade pessoal, temos a produção de um valor-de-uso social cuja finalidade não é a satisfação pessoal de quem o produziu. Nesse sentido, a produção da mercadoria não é apenas a produção do valor-de-uso, mas a produção de valor-de-uso social:

Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-los para outro, dar origem a valor-de-uso social (MARX, 2008, p. 63).

Valores-de-uso produzidos socialmente satisfazem necessidades humanas e sociais, ou seja, satisfazem necessidades para si e para outrem. A sociedade possui necessidade de valores-de-uso, mas enquanto valor-de-uso social. Nesse sentido, a necessidade humana e individual é suprasumida no valor-de-uso social, que passa a instituir necessidades sociais de valores-de-uso igualmente sociais. Ao tornar-se um valor-de-uso social, o valor-de-uso satisfaz necessidades sociais e não apenas individuais. As necessidades individuais passam a depender do valor-de-uso não apenas como um objeto natural exterior, mas como um valor-de-uso socialmente produzido como valor. O valor-de-uso se transforma em valor sem deixar de ser valor-de-uso, ou seja, o valor é uma expressão social do valor-de-uso. A proximidade do trabalho com o valor-de-uso é desvelada por meio da relação de valor, e o valor-de-uso social expressa o caráter social do trabalho como força de trabalho. Assim como a mercadoria é o exemplar médio da espécie, a força média de trabalho é o que permite a existência do valor-de-uso enquanto valor-de-uso social. O trabalho é tão social quanto o valor-de-uso, e essa identidade entre trabalho e valor-de-uso se desvela através do valor-de-uso social.

A origem social do Valor

O valor-de-uso se transforma em mercadoria na medida em que o trabalho representa o fundamento da troca entre espécies distintas de mercadorias. O valor-de-uso social representa a transformação do trabalho em força média de trabalho, representa o desvelar do trabalho na relação de valor enquanto algo social e que também está presente no conteúdo material dos objetos permutáveis. As mercadorias deixam de ser objetos de

satisfação social por meio da troca, elas se tornam valores-de-uso social. A troca que torna possível essa mudança no valor-de-uso só é possível diante do trabalho que produz para o outro, e não para si ou para satisfazer necessidades individuais. Dessa forma, a troca não surge do acaso, mas expressa relações mediadas por processos sociais de trabalho, produção e troca. O objeto que cria valor é o objeto útil produzido por um trabalho igualmente útil. O trabalho se torna tão útil quanto o objeto produzido por ele; dessa forma, o valor depende do elemento útil do objeto e do trabalho:

O camponês medieval produzia o trigo do tributo para o senhor feudal, o trigo do dízimo para o cura. Mas, embora fossem produzidos para terceiros, nem o trigo do tributo nem o dízimo eram mercadoria. O produto, para se tornar mercadoria, tem de ser transferido a quem vai servir como valor-de-uso por meio de troca. Finalmente, nenhuma coisa pode ser valor se não é objeto útil; se não é útil, tampouco o será o trabalho nela contido, o qual não conta como trabalho e, por isso, não cria nenhum valor (MARX, 2008, p. 63).

O trabalho se torna útil quando produz coisas úteis, ou seja, o trabalho útil se distingue de trabalho que não produz coisa útil. O trabalho e a mercadoria fazem parte da produção da coisa útil e passam a existir em função dessa utilidade contida nas coisas. O trabalho é tão útil quanto os objetos úteis, e, através da utilidade das coisas, ele não deixa de estar contido nas coisas úteis. O valor-de-uso social pressupõe o trabalho útil contido nas coisas, pressupõe a utilidade das coisas produzidas pela utilidade também presente no trabalho útil. Transferir valor-de-uso para o outro não deixa de ser transferir o trabalho útil para terceiros. O outro passa a ser o destino tanto do valor-de-uso social quanto do trabalho útil. A coisa útil é uma necessidade, e a troca entre valores-de-uso representou uma forma de produzir mercadorias enquanto valores-de-uso sociais a partir do trabalho útil contido nas coisas. A produção e a troca de coisas úteis desvelam o trabalho útil presente nos valores-de-uso através do valor, portanto as mercadorias e os meios de produção passam a ser tão sociais quanto os valores-de-uso e o trabalho.

A coisa útil se transforma em mercadoria sem deixar de ser algo útil e pertencer a um conjunto de relações necessárias. O tornar-se mercadoria de um produto é algo que envolve a troca de coisas úteis produzidas por trabalhos úteis. É por meio do trabalho que os valores-de-uso se tornam sociais, mas, para isso, o trabalho precisa ser tão útil quanto o valor-de-uso. Não existe valor-de-uso social sem trabalho útil; dessa forma, a coisa útil e o trabalho útil se transformam em valor-de-uso social e não apenas o valor-de-uso. Trabalho e valor-de-uso se transformam a partir do valor-de-uso social, ou seja, trabalho e valor-de-uso se aproximam com o tornar-se social do valor-de-uso.

O duplo caráter do trabalho representa as várias formas de expressões do trabalho útil. Ao se expressar como valor, o trabalho expressa o valor-de-uso social e a unidade da substância criadora de valor. O caráter homogêneo do trabalho consiste em sua expressão como valor que não deixa de ser a unidade entre trabalho e valor. Ao se expressar como valor, o trabalho revela o seu duplo caráter. Ao exprimir valor, o trabalho exprime seu duplo caráter e sua transformação em substância social homogênea. O trabalho não é apenas gerador de valor-de-uso, ele se expressa como valor. O trabalho não é tão somente gerador de valor-de-uso, ele também se expressa como valor ao produzir socialmente o valor-de-uso. O trabalho se expressa naquilo que produz, e nisso reside seu duplo caráter que torna compreensível o duplo caráter da mercadoria:

A mercadoria apareceu-nos, inicialmente, como duas coisas: valor-de-uso e valor-de-troca. Mais tarde, verificou-se que o trabalho também possui duplo caráter: quando se expressa como valor, não possui mais as mesmas características que lhe pertencem como gerador de valores-de-uso. Fui quem primeiro analisou e pôs em evidência essa natureza dupla do trabalho contido na mercadoria. Para compreender a economia política, é essencial conhecer essa questão, que, por isso, deve ser estudada mais de perto (MARX, 2008, p. 63).

A natureza dupla do trabalho consiste em criar valores-de-uso e em expressar valor. Na medida em que se expressa como valor, a relação entre trabalho e valor-de-uso se altera. Não se trata de enxergar apenas os valores-de-uso enquanto coisas externas ao trabalho, mas compreender o valor como expressão do trabalho, ou seja, o trabalho se expressa como valor. Diferentemente do duplo caráter da mercadoria, o duplo caráter do trabalho estabelece uma unidade entre a criação do valor e a expressão do valor. O valor-de-troca não deixa de ser uma expressão do valor, mas essa expressão é, antes de tudo, uma expressão do trabalho.

O casaco é valor-de-uso que satisfaz uma necessidade particular. Para produzi-lo, precisa-se de certo tipo de atividade produtiva, determinada por seu fim, modo de operar, objeto sobre que opera, seus meios e seu resultado. Chamamos simplesmente de trabalho útil aquele cuja utilidade se patenteia no valor-de-uso do seu produto ou cujo produto é um valor-de-uso. Desse ponto de vista será considerado sempre associado a seu efeito útil (MARX, 2008, p. 63).

O trabalho útil resulta num valor-de-uso, mas entre o trabalho útil e o valor-de-uso existe uma atividade produtiva determinada pelos meios e fins do trabalho. O valor-de-uso satisfaz uma necessidade particular através de seu efeito útil, efeito que não pode ser abstraído do processo de sua produção a partir de um trabalho igualmente útil. É a utilidade do trabalho útil que se patenteia no valor-de-uso, logo a utilidade do trabalho e do valor-de-uso possui efeito útil comum. A utilidade da coisa está relacionada com a qualidade do trabalho útil, logo a qualidade e utilidade tanto da coisa quanto do trabalho representam uma unidade substancial: “Sendo casaco e linho valores-de-uso qualitativamente diversos, também diferem qualitativamente os trabalhos que dão origem à sua existência – o ofício de alfaiate e o de tecelão” (MARX, 2008, p. 64).

As diferenças qualitativas dos valores-de-uso remetem às diferenças qualitativas nos trabalhos que deram origem a tais valores-de-uso. A diferença entre valores-de-uso começa a existir desde o trabalho

que está na origem das coisas úteis. Não existiria troca sem tais diferenças entre as qualidades das mercadorias:

Se aquelas coisas não fossem valores-de-uso qualitativamente diversos e, por isso, produtos de trabalhos úteis qualitativamente diferentes, não poderiam elas, de nenhum modo, se contrapor uma a outra como mercadorias. Casacos não se permutam por outros tantos casacos iguais; valores-de-uso idênticos não se trocam (MARX, 2008, p. 64).

Quando Marx afirma que valores-de-uso idênticos não se trocam, ele está afirmando que trabalhos qualitativamente distintos estão na origem do valor, quer dizer, através deles é que as coisas podem ser trocadas. O trabalho é uma substância homogênea, mas suas diferentes qualidades determinam quantidades distintas de acordo com as qualidades úteis das mercadorias.¹ Vimos que o camponês produzia valor-de-uso sem o transformá-lo em valor, ou seja, produziam valor-de-uso que não era valor-de-uso social. A diferença entre as qualidades úteis das coisas impõe a

¹ A relação entre valor e trabalho deve ser vista enquanto algo determinado e não enquanto uma relação abstrata. O método da abstração não aponta essas categorias enquanto entidades isoladas ou abstratas, mas através de uma relação determinada em direção ao concreto, conforme podemos observar na análise de Christopher Arthur: “A razão pela qual uma lógica linear não é apropriada é que o capitalismo está constituído como uma totalidade, que forma seus elementos de modo que, se separados dele, tornam-se desnaturados. Se a existência do valor depende do pleno desenvolvimento da produção capitalista, então os conceitos do primeiro capítulo de Marx só podem possuir um caráter abstrato, e o argumento que ali é colocado desenvolve os sentidos destes conceitos, por meio de seu fundamento adequadamente compreendido no todo. A exposição do sistema, começando com relações simples, mas determinadas (como a forma-mercadoria), é em seguida forçada a abstrair-se violentamente das outras relações que na realidade as penetram e ajudam a constituir a sua eficácia; assim, é necessário no final reconceituar o significado do início. Dado que este ponto de partida está isolado, pois, abstraído do todo, ele está necessariamente caracterizado de forma inadequada. Porém, na medida em que este elemento abstraído não possui significado fora da estrutura à qual ele pertence, a exposição pode então proceder precisamente questionando seu *status*. A mesma dialética se aplica a estágios intermediários de derivação. Apenas ao final da reconstrução da totalidade a sua verdade é revelada: a verdade é sistema do ponto de vista da exposição” (ARTHUR, 2016, p. 43).

necessidade de troca entre elas, estabelece a troca como uma necessidade social diante da diferença qualitativa das coisas. Em última análise, a troca é produto da diferença qualitativa das coisas, diferença socialmente supressumida através da troca entre coisas úteis com suas qualidades distintas.

A finalidade de um valor-de-uso não deixa de ser também o resultado da produção de um valor-de-uso, portanto, do valor-de-uso enquanto mercadoria ou valor-de-uso social. A divisão social do trabalho tem por finalidade produzir o valor-de-uso social, e a produção de valores-de-uso distintos exige que tal diferença tenha origem na divisão social do trabalho. A divisão social do trabalho expressa a produção de coisas úteis qualitativamente distintas e, a partir disso, o trabalho expressa valor e não apenas valor-de-uso. O trabalho que expressa valor é aquele que produz valor e não valor-de-uso, ele se patenteia em seu produto enquanto trabalho útil.

No conjunto formado pelos valores-de-uso diferentes ou pelas mercadorias materialmente distintas, manifesta-se um conjunto correspondente dos trabalhos úteis diversos – classificados por ordem, gênero, espécie, subespécie e variedade –, a divisão social do trabalho. (MARX, 2008, p. 64).

A contraposição de valores-de-uso distintos permite a formação do conjunto de mercadorias materialmente distintas, e a tal diferença corresponde o conjunto de trabalhos úteis diversos. Diferentes valores-de-uso representam um conjunto porque são produzidos por um conjunto de trabalhos úteis diversos, ou seja, tal diversidade de valores-de-uso e trabalho deve ser observada em conjunto e não separadamente. Apenas consideradas em conjunto as mercadorias representam o resultado do trabalho útil e expressão do conjunto dos tipos de trabalhos úteis diversos. As mercadorias, ao se contraporem na formação de valor, expressam não apenas a diversidade de valores-de-uso como espécies, mas expressam também a divisão de trabalho enquanto um conjunto de trabalhos úteis.

Não é possível compreender o surgimento das mercadorias sem compreender o surgimento da divisão social do trabalho: “Ela é condição para que exista a produção de mercadorias, embora, reciprocamente, a produção de mercadorias não seja condição necessária para a existência da divisão social do trabalho” (MARX, 2008, p. 64). A contraposição de mercadorias expressa relações mais amplas, como a divisão do trabalho e a produção social do valor-de-uso. Porém, o trabalho útil particular é o fundamento através do qual as mercadorias se contrapõem na medida em que expressam o resultado da divisão social do trabalho:

Na velha comunidade indiana, há a divisão social do trabalho, sem que os produtos se convertam em mercadorias. Ou um exemplo mais próximo: em cada fábrica existe a divisão sistemática do trabalho, mas essa divisão não leva os trabalhadores a trocarem seus produtos individuais. Só se contrapõem, como mercadorias, produtos de trabalhos privados e autônomos, independentes entre si (MARX, 2008, p. 64).

O valor-de-uso social, ao suprasumir as qualidades úteis das mercadorias, passa a representar determinada atividade produtiva e sua finalidade, ou seja, o trabalho útil: “Está, portanto, claro: o valor-de-uso de cada mercadoria representa determinada atividade produtiva subordinada a um fim, isto é, um trabalho útil particular” (MARX, 2008, p. 64). O valor-de-uso das coisas é produzido por atividades produtivas determinadas no interior do trabalho útil e expressam qualidades úteis produzidas por um trabalho privado e autônomo. A distinção qualitativa dos trabalhos úteis passa a determinar a contraposição das mercadorias, porém enquanto valor-de-uso social: “Valores-de-uso não podem se opor como mercadorias quando neles não estão inseridos trabalhos úteis qualitativamente distintos” (MARX, 2008, p. 64). O valor-de-uso das coisas torna-se expressão do trabalho útil particular na medida em que se torna também valor-de-uso social, portanto às qualidades úteis se contrapõem produtos do trabalho útil. Os trabalhos úteis no interior das

coisas entram em relação na medida em que as mercadorias se contrapõem:

Numa sociedade cujos produtos assumem, geralmente, a forma de mercadoria – isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias –, essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis executados, independente uns dos outros, como negócio particular de produtores autônomos, leva a que se desenvolva um sistema complexo, uma divisão social do trabalho (MARX, 2008, p. 64).

A contraposição das mercadorias expressa a diferença qualitativa do trabalho, e, a partir disso, temos a divisão social do trabalho. Por sua vez, a divisão do trabalho se desenvolve a partir da produção de produtores autônomos tão independentes uns dos outros quanto as mercadorias por eles produzidas. A contraposição das mercadorias contribui para o complexo desenvolvimento da divisão social do trabalho, muito embora tal contraposição tenha se originado da diferença qualitativa das mercadorias. Os trabalhos autônomos e particulares refletem uma lógica ampla e complexa do desenvolvimento da divisão social do trabalho. Nesse sentido, aquilo que Marx denomina o valor-de-uso de uma mercadoria transparece no caráter impessoal do valor-de-uso social: “Para o casaco, tanto faz ser usado pelo alfaiate ou pelo freguês do alfaiate. Em ambos os casos, funciona como valor-de-uso” (MARX, 2008, p. 64). O valor-de-uso social produzido por produtores autônomos transforma o valor-de-uso das coisas em mercadorias que se contrapõem na medida em que expressam trabalhos úteis e qualidades distintas entre si. O trabalho particular necessário não interfere nas relações de trocas entre valores-de-uso sociais: “A existência da relação entre o casaco e o trabalho que o confecciona não depende de o ofício de alfaiate se tornar uma profissão especial, um ramo autônomo da divisão social do trabalho” (MARX, 2008, p. 64).

A dialética entre valor-de-uso e valor-de-troca

O trabalho é uma necessidade natural e, ao mesmo tempo, instrumento capaz de promover o intercâmbio entre os homens e libertá-los da imediatez dessas mesmas necessidades naturais. Assim como os homens transformam suas relações e necessidades imediatas em relações mais complexas, o mesmo ocorre com o trabalho. Portanto, o trabalho útil e a divisão do trabalho são produtos da historicidade do próprio trabalho. Assim como modificam as formas da matéria, os homens também modificam as formas do trabalho:

A existência da relação entre o casaco e o trabalho que o confecciona não depende de o ofício de alfaiate se tornar uma profissão especial, um ramo autônomo da divisão social do trabalho. Antes de surgir um alfaiate, o ser humano costurou durante milênios, pressionado pela necessidade de vestir-se. Mas o casaco, o linho, ou qualquer componente da riqueza material que não seja dado pela natureza, tinha de originar-se de uma especial atividade produtiva, adequada a determinado fim e que adapta certos elementos da natureza às necessidades particulares do homem. O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (MARX, 2008, p. 64).

Quanto mais social o trabalho se torna, mais evidente o caráter natural do trabalho ao satisfazer as necessidades naturais dos homens. A divisão social do trabalho nasce do próprio trabalho útil e não deixa de ser produto da evolução do trabalho enquanto substância homogênea criadora de valor. As formas complexas de trabalho não perdem de vista o caráter natural do trabalho, ao contrário, reforçam a ligação entre o homem e a natureza: “Os valores-de-uso, casaco, linho, etc., enfim, as mercadorias,

são conjunções de dois fatores, matéria fornecida pela natureza e trabalho” (MARX, 2008, p. 65). Falar em desenvolvimento do trabalho é refletir sobre seus aspectos naturais e em sua capacidade de transformar a natureza incluindo os homens e suas necessidades. Além de uma categoria filosófica, o trabalho deve ser visto como uma necessidade natural do homem, por mais desenvolvida e complexa que seja a divisão social do trabalho; dessa forma, o trabalho não deixa de ser uma imediatidade mediada².

Assim como o valor-de-uso social não deixa de conter o valor-de-uso das mercadorias ou suas qualidades úteis, ele também não deixa de conter o substrato material extraído da natureza: “Extraíndo-se a totalidade dos diferentes trabalhos úteis incorporados ao casaco, ao linho, etc., resta sempre um substrato material, que a natureza, sem interferência do homem, oferece” (MARX, 2008, p. 65). Os diversos trabalhos úteis não deixam de ser substratos materiais incorporados aos valores-de-uso, porém aquilo que não pode ser abstraído do valor-de-uso representa o substrato material originário da natureza sem a interferência do trabalho humano. Diferentemente dos trabalhos úteis, o substrato material não incorporado pela interferência do homem ao valor-de-uso é o que resta quando todos os trabalhos úteis são abstraídos dos valores-de-uso. Esse substrato é o que não pode ter valor, porque sua origem está na natureza e não é produzido pelo trabalho humano. Enquanto é possível abstrair os diferentes trabalhos úteis de uma mercadoria, o mesmo não se pode dizer do substrato material

² Sobre a origem da reflexão e o movimento do abstrato ao concreto, observamos uma forte influência de Hegel sobre o pensamento de Marx: “Na pura reflexão do início, tal como ele é feito nessa lógica com o ser como tal, a passagem ainda está oculta; porque o ser é apenas posto como imediato, o nada apenas irrompe nele imediatamente. Mas todas as determinações subsequentes, como logo em seguida a existência [Dasein], são mais concretas; nessa já está posto o que contém e o que produz a contradição daquelas abstrações e, por conseguinte, sua passagem. Junto ao ser como aquele simples, imediato, a recordação de que é resultado da perfeita abstração, portanto, que já é por isso negatividade abstrata, o nada, é abandonado antes da ciência, a qual, no interior dela mesma, expressamente irá expor, a partir da essência, aquela imediatidade unilateral como uma imediatidade mediada, onde é posto o ser como existência [Existenz] e o mediador desse ser, o fundamento” (HEGEL, 2011, p. 90).

que a natureza oferece e que está presente nos valores-de-uso sem a interferência humana.

A matéria se transforma através das ações dos homens e da natureza, mas trata-se de uma transformação da forma da matéria, ou seja, seu conteúdo subsiste mesmo a despeito das transformações de suas formas pelo trabalho do homem ou da natureza: “O homem ao produzir, só pode atuar como a própria natureza, isto é, mudando as formas da matéria” (MARX, 2008, p. 65).

Nesse trabalho de transformação, é constantemente ajudado pelas forças naturais. O trabalho não é, por conseguinte, a única fonte de valores-de-uso que produz, da riqueza material. Conforme diz Willian Petty, o trabalho é o pai, mas a mãe é a terra (MARX, 2008, p. 65).

A origem do valor-de-uso encontra-se na relação do homem com a natureza do trabalho, portanto não existe valor-de-uso fora da natureza. O trabalho transforma as formas da matéria a partir das necessidades humanas; nesse sentido, o trabalho é comparado por Marx com a atividade da própria natureza. Dessa forma, o trabalho não é o oposto da natureza, mas desenvolve também o processo de transformação das formas da matéria. Modificar as formas da matéria não deixa de ser uma modificação das formas dos valores-de-uso e de sua materialidade imanente:

Ficou estabelecido que o casaco vale duas vezes mais que o linho. Mas essa diferença puramente quantitativa não nos interessa no momento. E, se o casaco tem o dobro do valor de 10 metros de linho, 20 metros de linho têm valor igual ao do casaco. Como valores, casaco e linho são coisas de igual substância, expressões objetivas de trabalho de natureza igual. Mas o ofício de alfaiate e o de tecelão são trabalhos qualitativamente diversos (MARX, 2008, p. 65).

O trabalho se objetiva nas coisas, e o valor das coisas demonstra essa objetividade. Os valores expressam a substância igual inerente a

valores-de-uso distintos. Assim como a matéria é o que resta quando abstraímos os trabalhos úteis de uma coisa, esses trabalhos úteis que se abstraem das coisas representam uma substância comum. Portanto, a relação entre trabalho e valor-de-uso não deixa de ser uma relação entre substância e matéria, entre corpo e forma dos valores-de-uso. A natureza igual existente entre trabalhos distintos desvela o caráter substancial do trabalho e uma objetividade que se expressa na substância igual inerente aos trabalhos qualitativamente distintos. A diferença quantitativa dos valores das coisas só pode ser mensurada porque existe uma substância que se expressa a partir dessa igualdade substancial originada no trabalho. Os diferentes tipos de trabalho não impedem que a substância do trabalho se expresse através das coisas, portanto a natureza igual do trabalho gera a substância igual entre as coisas.

Trabalhos qualitativamente distintos são trabalhos úteis passíveis de serem abstraídos da materialidade natural dos valores-de-uso. Os inúmeros trabalhos úteis necessários para a produção de valores-de-uso possuem substância capaz de modificar a forma da matéria. A diversidade de trabalhos úteis presentes num valor-de-uso representa a diferença entre forma da matéria e o elemento puramente material dos objetos envolvidos numa relação de valor. Tal multiplicidade de trabalhos úteis ou de formas inerentes aos valores-de-uso contribui para que o valor surja como algo homogêneo e passível de ser abstraído da materialidade puramente material de um valor-de-uso. A divisão social do trabalho contribui para que o trabalho se torne uma forma homogênea através do valor³. Nesse

³ Acerca da relação entre valor-de-uso e valor-de-uso social, podemos refletir as contradições da mercadoria. Segundo Christopher J. Arthur: “Parece claro que a mercadoria é, como o próprio Marx afirmava, a forma-celular que ele precisava. O programa de pesquisa tomou, portanto, a forma de derivar a partir da mercadoria primeiro a moeda e depois o capital. Mas o que precisamente são as formas iniciais – e como avançamos? Para começar, parece de fato ser o caso em que a mercadoria não pode ser um ponto de partida apropriado, pois não se qualifica na medida em que falha em atender ambos os critérios anteriormente colocados, ou seja, a simplicidade e a determinação histórica.

– O primeiro porque, após a análise, revela-se que a própria mercadoria incorpora uma dicotomia intrigante: é um bem na medida em que serve como um valor-de-uso; e, por outro lado, uma determinação diferente, oposta inclusive, é encontrada nela, a da troca.

sentido, Marx ilustra a natureza substancial do trabalho inerente às mercadorias demonstrando a capacidade de uma mesma pessoa em produzir coisas diversas num mesmo dia de trabalho ou a capacidade de desempenhar diversas funções no interior de um mesmo processo produtivo.

A natureza do trabalho não se distingue a despeito de sua multiplicidade fenomênica. Marx contrapõe a igualdade da natureza substancial em relação à diversidade e à multiplicidade das formas de trabalho, ou seja, a substância universal do valor em relação aos diversos modos de manifestação empírica do trabalho. Porém, a substancialidade do trabalho só pode ser desvelada através da divisão do trabalho, através da capacidade de se abstrair de uma única atividade de trabalho tal como no estágio social descrito por Marx:

Há estágios sociais em que a mesma pessoa, alternativamente, costura e tece, em que esses dois tipos diferentes de trabalho são apenas modalidades do trabalho do mesmo indivíduo e não ofícios especiais, fixos, de indivíduos diversos, do mesmo modo que o casaco feito hoje por nosso alfaiate e as calças que fará amanhã não passam de variações do mesmo trabalho individual (MARX, 2008, p. 65).

Diversas qualidades de trabalho são realizadas a partir da substância do trabalho útil, e os trabalhadores passam a desenvolver múltiplas capacidades tendo em vista o desenvolvimento da substancialidade do trabalho útil. Assim como os produtos encarnam diversos tipos de trabalho sem perder a substancialidade do trabalho útil, os trabalhadores também passam a desenvolver qualidades distintas de trabalhos sem comprometer o desenvolvimento ou substância do trabalho útil. Do mesmo modo que um alfaiate faz um casaco num dia e noutro uma

– O segundo porque esta forma-mercadoria se apegue a coisas que não são nem mesmo produtos do trabalho; e, mesmo que estejam excluídas por regra, está suficientemente evidente que a troca de mercadorias de algum tipo surge em épocas pré-capitalistas” (ARTHUR, 2016, p. 44).

calça, o trabalhador pode tecer e costurar sem que se perda o caráter útil do seu trabalho. Muito pelo contrário, o desvelamento do trabalho útil efetivou-se a partir das múltiplas qualidades de trabalho presentes num valor-de-uso.

A sociedade capitalista representa uma forma social que permite a existência de diversos ofícios numa determinada porção de trabalho. Diferentes formas de trabalho representam frações de uma mesma porção de trabalho:

Verifica-se, a uma simples inspeção, que, em nossa sociedade capitalista, se fornece uma porção dada de trabalho humano, ora sob a forma do ofício do alfaiate, ora sob a forma do ofício do tecelão, conforme as flutuações da procura do trabalho (MARX, 2008, p. 66).

O mesmo trabalho se transforma em diversos tipos de trabalho sem deixar de ser a mesma porção de trabalho original. Essa porção que se transforma não deixa de ser trabalho útil, não deixa de ser porção da substância humana do trabalho. A variação da forma de trabalho é uma necessidade da produção capitalista e um produto do desenvolvimento das forças produtivas. Por mais que se desenvolva a diversidade de formas de trabalho, o trabalho útil continua a subsistir enquanto dispêndio de força humana de trabalho. Quanto mais social a força de trabalho, maior a diversidade de tipos de trabalho no interior dos valores-de-uso ou das mercadorias. Orientar-se através do caráter substancial do trabalho é concebê-lo enquanto dispêndio de força humana e não enquanto um átomo cindido pelas múltiplas formas concretas do aparecer fenomênico do trabalho:

É possível que essa variação na forma do trabalho não se realize sem atritos, mas tem de efetivar-se. Pondo-se de lado o desígnio da atividade produtiva e, em consequência, o caráter útil do trabalho, resta-lhe apenas ser um dispêndio de força humana de trabalho (MARX, 2008, p. 66).

As mudanças do trabalho são chamadas por Marx de desígnio da atividade produtiva. Tais desígnios são as contradições a serem suprasumidas através do trabalho enquanto dispêndio de força humana de trabalho. Dessa forma, o dispêndio da força humana do trabalho é a manifestação mais desenvolvida de trabalho, representa o suprasumir do caráter útil do trabalho através da força humana de trabalho.

O trabalho do alfaiate e do tecelão, embora atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambos dispêndio humano produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc., e, desse modo, são ambos trabalho humano. São apenas duas formas diversas de despendar força humana de trabalho (MARX, 2008, p. 66).

A força de trabalho é, em última análise, o dispêndio de cérebro e mãos. Não é possível separar o desenvolvimento do trabalho dos aspectos biológicos responsáveis pelo dispêndio da força de trabalho. Nesse sentido, abstrair o trabalho da materialidade dos objetos úteis não deixa de ser o reconhecimento das faculdades físicas e mentais responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho. O dispêndio das forças físicas humanas e o dispêndio de força humana de trabalho tornam-se evidentes com a divisão social do trabalho e a necessidade social de mensuração de valor dos valores-de-uso produzidos por diferentes atividades produtivas. O desenvolvimento da divisão do trabalho não altera o caráter do trabalho enquanto dispêndio de força humana. O trabalho como dispêndio de força se efetiva na divisão social do trabalho sem deixar de ser dispêndio de força humana. A evolução do trabalho necessita atingir certo desenvolvimento para que o valor da mercadoria seja representado como dispêndio de trabalho humano em geral:

Sem dúvida, a própria força humana de trabalho tem de atingir certo desenvolvimento, para ser empregada em múltiplas formas. O valor da mercadoria, porém,

representa trabalho humano simplesmente, dispêndio de trabalho humano em geral (MARX, 2008, p. 66).

O dispêndio de força de trabalho é o que existe entre as diferentes coisas produzidas pelo trabalho, mas entre os distintos trabalhos inerentes à divisão social do trabalho também existe o dispêndio humano de força enquanto algo em comum. O desenvolvimento das diversas formas de trabalho serve para expressar o simples trabalho humano enquanto dispêndio de força humana de trabalho. As múltiplas formas de empregar trabalho expressam o desenvolvimento das forças produtivas e, ao mesmo tempo, expressam o valor como trabalho humano ou dispêndio de força humana de trabalho. Assim, a força de trabalho tem de atingir certo desenvolvimento para expressar o trabalho simplesmente ou o valor enquanto dispêndio de trabalho humano em geral. A dialética entre o simples dispêndio de força e o complexo desenvolvimento da divisão do trabalho resulta na homogeneidade do trabalho como substância criadora de valor.

A divisão do trabalho representa a transformação do trabalho mais simples ou da forma elementar de manifestação do trabalho humano. O trabalho humano é melhor representado pelo simples ser humano e sua função inferior na sociedade burguesa. Essa função inferior é o simples trabalho a partir do qual torna-se possível o desenvolvimento das formas mais complexas de trabalho e a própria divisão social do trabalho: “Com o trabalho humano ocorre algo análogo ao que se passa na sociedade burguesa, onde em geral um banqueiro desempenha um papel importante e fica reservado ao simples ser humano uma função inferior” (MARX, 2008, p. 66).

Não é possível explicar o trabalho a partir das suas manifestações fenomênicas, ou seja, por meio daquilo em que ele se transformou historicamente, sem reconhecermos sua natureza e simplicidade através dos trabalhos mais simples e mais próximos da naturalidade do trabalho enquanto dispêndio de força humana. Medir o trabalho humano não representa apenas uma forma de medir o valor das coisas, mas representa também uma forma de desvelar o conteúdo substancial e natural do

simples trabalho humano: “Trabalho humano mede-se pelo dispêndio da força de trabalho simples, a qual, em média, todo homem comum, sem educação especial, possui em seu organismo” (MARX, 2008, p. 66).

A evolução do trabalho simples se desenvolve através do trabalho simples médio: “O trabalho simples médio muda de caráter com os países e estágios de civilização, mas é dado numa determinada sociedade” (MARX, 2008, p. 66). O trabalho médio não pode ser abstraído das determinações históricas de uma determinada sociedade através das quais ele se torna a fonte do valor. A transformação do trabalho simples em trabalho médio representa a transformação do trabalho em substância criadora de valor, criação de valor através da simplicidade do trabalho simples: “Trabalho complexo ou qualificado vale como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade dada de trabalho qualificado é igual a uma quantidade maior de trabalho simples” (MARX, 2008, p. 66). A quantidade e a qualidade do trabalho simples são fundamentais para a criação e desenvolvimento do próprio valor: “Por mais qualificado que seja o trabalho que gera a mercadoria, seu valor a equipara ao produto do trabalho simples e representa, por isso, uma determinada quantidade de trabalho simples” (MARX, 2008, p. 66).

O trabalho simples é mais que a unidade de medida através da qual é possível mensurar a quantidade de trabalho presente nos valores-de-uso:

As diferentes proporções em que as diversas espécies de trabalho se reduzem a trabalho simples, como sua unidade de medida, são fixadas por um processo social que se desenrola sem dele terem consciência os produtores, parecendo-lhes, por isso, estabelecidas pelo costume. Para simplificar, considerar-se-á, a seguir, força de trabalho simples toda espécie de força de trabalho, com o que se evita o esforço de conversão (MARX, 2008, p. 66).

A força de trabalho simples determina as espécies de trabalho e não o contrário. Nesse sentido, é possível reduzir todas as espécies de força de trabalho ao trabalho simples. Prescinde-se da diferença não

apenas dos valores-de-uso, mas também as distintas formas úteis dos trabalhos representadas por atividades produtivas diversas envolvidas na produção desses valores-de-uso:

Ao considerar os valores do casaco e do linho, prescindimos da diferença dos seus valores-de-uso, e, analogamente, ao focalizar os trabalhos que se representam nesses valores, pomos de lado a diferença entre suas formas úteis, a atividade do alfaiate e a do tecelão (MARX, 2008, p. 67).

As diferenças entre valores-de-uso e formas de trabalho podem ser abstraídas tendo em vista o desvelar do simples trabalho humano. Por outro lado, tais diferenças constituem o meio através do qual o valor emerge numa relação de valor, da oposição entre valores-de-uso e formas qualitativas distintas de trabalho.

Os valores-de-uso casaco e linho resultam de atividades produtivas, subordinadas a objetivos, associadas com pano e fio, mas os valores casaco e linho são cristalizações homogêneas de trabalho; os trabalhos contidos nesses valores são considerados apenas dispêndios de força humana de trabalho, pondo-se de lado sua atuação produtiva relacionada com o pano e o fio (MARX, 2008, p. 67).

Valores-de-uso e valor entram em relação assim como o pano e o fio entram em relação com o trabalho humano. O valor-de-uso de uma coisa é diferente do valor na medida em que casaco e linho passam a representar cristalização do trabalho humano. A separação entre o dispêndio de força e a atividade produtiva permite o desvelamento da diferença entre valor-de-uso e valor. Os objetos são produtos das atividades produtivas e também do dispêndio de força humana de trabalho. Mas, para se obter o valor das coisas, é necessário distinguir as atividades produtivas do dispêndio de força de trabalho. As transformações do pano e do fio em casaco e linho são transformações nos valores-de-uso e não do trabalho como dispêndio de força humana, que permanece o mesmo, a

despeito das múltiplas formas concretas de trabalho no interior das atividades produtivas. Modificam-se as formas de trabalho concretas no interior das atividades produtivas e os valores-de-uso, porém o simples trabalho humano como dispêndio de força de trabalho humano continua a existir independentemente das transformações dos valores-de-uso e da diversidade de formas de atividades produtivas. O dispêndio de força humana de trabalho distingue-se, portanto, daquilo que resulta da cristalização homogênea do trabalho.

Qualidades distintas de trabalhos produzem valores-de-uso distintos, mas a substância do trabalho é a mesma entre valores-de-uso distintos e atividades produtivas diferentes. A substância do trabalho perpassa atividades produtivas e valores-de-uso, dela se originam os vários tipos de trabalho e de valores-de-uso. O trabalho humano comum presente em coisas distintas não deixa de ser uma qualidade, a qualidade da substância do valor comum nos valores-de-uso distintos:

O trabalho do alfaiate e o do tecelão são os elementos que criam valores-de-uso, casaco e linho, exatamente por força de suas qualidades diferentes; só são substância do valor do casaco e do valor do linho quando se põem do lado suas qualidades particulares, restando a ambos apenas uma única e mesma qualidade, a de serem trabalho humano (MARX, 2008, p. 67).

A substância do valor é uma qualidade comum presente nos valores-de-uso diversos, mas representa também a força humana do trabalho. Ela não é somente o que está contido nas coisas, ou seja, a qualidade comum das coisas, mas representa também a força de trabalho através da qual originam-se as distintas formas de trabalho. A relação entre trabalho simples e complexo não deixa de ser a relação entre os valores-de-uso e a força de trabalho capaz de originar tais valores-de-uso, assim como é capaz de originar também as múltiplas formas de trabalho ou o trabalho complexo. O trabalho simples determina a grandeza das coisas, e, graças a tal determinação, as coisas são consideradas valores

determinados: “Casaco e linho são valores, mas valores que têm uma determinada grandeza, e, conforme o nosso pressuposto, o casaco vale o dobro de dez metros de linho” (MARX, 2008, p. 67).

A grandeza dos valores não é produto apenas da quantidade de trabalho contida nos valores-de-uso. Apenas diante de uma relação de valor é possível mensurar a grandeza dos valores. Nesse sentido, Marx pergunta acerca da origem da diferença entre as grandezas dos valores: “Donde se origina essa diferença na grandeza dos valores?” (MARX, 2008, p. 67). A diferença da grandeza dos valores está relacionada com a quantidade de trabalho contida nas coisas, mas a grandeza dos valores só pode ser mensurada através da diferença qualitativa das coisas produzidas por trabalhos qualitativamente distintos. Quantidades diversas de trabalho produzem as coisas como espécies: “Decorre de estar contido no linho metade do trabalho que se encerra no casaco, tendo de ser despendida força de trabalho para a produção deste durante o dobro do tempo requerido para a produção daquele” (MARX, 2008, p. 67). Não só o tempo de trabalho distingue o linho do casaco, eles representam valores-de-uso distintos mesmo sendo compostos por uma matéria-prima comum. Nesse sentido, apenas o trabalho simples pode ser encontrado enquanto algo comum entre os dois valores-de-uso distintos produzidos por quantidades de tempo de trabalho também diferentes.

O fato de o casaco ser o dobro do linho desvela algo em comum entre o casaco e o linho. Desvela que há um trabalho comum entre trabalhos qualitativamente distintos, ou seja, o trabalho simples como dispêndio de forma humana do trabalho. A força de trabalho cria valor, mas para isso é preciso que o trabalho complexo se desenvolva e produza diversos produtos capazes de materializar o dispêndio de força humana do trabalho. O valor não subsiste enquanto contradição entre quantidades de trabalho e diversidade de trabalhos, mas supera essa contradição e manifesta a homogeneidade da substância humana do trabalho enquanto dispêndio de força humana de trabalho. O movimentar-se dialético dos conceitos na obra de Marx representa o cerne de sua estrutura metodológica e dialética. Ao comentar aspectos metodológicos da obra de

Marx, Rosdolky ressalta o esforço de Marx em superar as dicotomias entre essência e aparência: “É certo que, em O Capital, Marx também opõe constantemente o movimento real e interno da produção capitalista ao seu movimento apenas aparente, tal como se apresenta na concorrência” (ROSDOLSKY, 2011, p. 56).

O valor expressa não somente grandezas quantitativas, mas também qualidades homogêneas. Enquanto no valor-de-uso verificamos as diferentes qualidades dos trabalhos, no valor-de-uso social vislumbramos a homogeneidade do simples trabalho humano ao lado do trabalho complexo inerente à divisão social do trabalho. A conversão do trabalho contido na mercadoria em simples trabalho humano desvela a qualidade substancial do trabalho e sua grandeza enquanto quantidade de tempo de trabalho:

Se o trabalho contido na mercadoria, do ponto de vista do valor-de-uso, só interessa qualitativamente, do ponto de vista da grandeza do valor só interessa quantitativamente e depois de ser convertido em trabalho humano, puro e simples. No primeiro caso, importa saber como é e o que é o trabalho, no segundo, sua quantidade, a duração de seu tempo. Uma vez que a grandeza do valor de uma mercadoria representa apenas a quantidade de trabalho nela contida, devem as mercadorias, em determinadas proporções, possuir valores iguais (MARX, 2008, p. 67).

O simples trabalho humano é a medida de valor que permite a comparação entre quantidades distintas de tempo de trabalhos em valores-de-uso diferentes. O simples trabalho humano é a medida e o conteúdo do valor inerente aos valores-de-uso enquanto transportes de valores. Do ponto de vista do valor-de-uso, é a qualidade de trabalho que determina a comparação entre valores-de-uso diversos. Porém, a grandeza do valor compara as proporções de simples trabalho presentes nas mercadorias ou valores-de-uso. Para que haja essa comparação, os valores refletem não apenas proporções de tempo de trabalho, mas a transformação de valor-de-

uso em valor-de-uso social ou a redução do trabalho complexo ao simples trabalho humano.

A qualidade do trabalho útil permanece a mesma e corresponde a um determinado fim representado por um valor-de-uso. Porém, o tempo médio de trabalho necessário pode ser alterado com a produtividade sem que a qualidade do trabalho útil e a finalidade do valor-de-uso sejam alterados. A magnitude do valor é definida pelo trabalho médio necessário na produção de um valor-de-uso, ou seja, trabalho necessário para produzir uma espécie de valor-de-uso que equivale a uma espécie de qualidade de trabalho útil:

Permanecendo invariável a produtividade de todos os trabalhos úteis exigidos para a produção de um casaco, a magnitude do valor dos casacos eleva-se com a respectiva quantidade. Se um casaco representa x dias de trabalho, dois casacos representarão $2x$. Admitamos que se duplique o trabalho necessário para a produção de um casaco, ou que se reduza à metade. No primeiro caso, um casaco passa a ter um valor que antes possuíam dois; no segundo, dois casacos passam a ter o valor de um, embora, em ambas as hipóteses, o casaco tenha a mesma utilidade de antes e o trabalho útil nele contido continue sendo da mesma qualidade. Mudou, porém, a quantidade de trabalho despendida em sua produção (MARX, 2008, p. 67).

A existência dos valores-de-uso como espécies de valores-de-uso está relacionada com o desenvolvimento do trabalho como força média de trabalho. A produtividade desvela a relação entre utilidade e trabalho, entre valor-de-uso social e trabalho útil⁴. A qualidade do trabalho útil e a

⁴ Encontramos na obra de Alfred Schmidt, *El concepto de naturaleza en Marx*, uma relevante contribuição acerca da relação entre Marx e Feuerbach, conforme podemos verificar no seguinte trecho: “Las interpretaciones tradicionales de la relación Feuerbach-Marx se limitan en su mayor parte a indagar en qué medida la crítica ateísta de Feuerbach contra la religión y la metafísica espiritualista ha estimulado o directamente possibilitado la crítica de Marx a Hegel. La base naturalista-antropológica de los motivos críticos de

qualidade dos valores-de-uso não se alteram a partir da produtividade, porém o trabalho necessário passará a determinar a relação de valor entre as coisas na medida em que as proporções de trabalhos necessários se alteram com o desenvolvimento da produtividade. Qualidades distintas de trabalhos úteis e valores-de-uso distintos entram em relação com a produtividade do trabalho e será a partir dessa relação que o valor se origina. A qualidade de um trabalho se expressa através da qualidade de um valor-de-uso, e as espécies de valores-de-uso se formam a partir dessas determinações qualitativas sobre o trabalho e o valor-de-uso. A relação entre espécies de valores-de-uso representa uma relação entre qualidades de valores-de-uso, mas tal relação depende da produtividade e da quantidade de trabalho necessário para que se efetive uma relação de valor entre valores-de-uso distintos qualitativamente⁵.

Quanto menor o valor de um valor-de-uso, maior sua quantidade. Dessa forma, a substância do trabalho cria valor à medida que é capaz de criar maior quantidade de valores-de-uso através de uma menor quantidade de tempo necessário para a produção desses valores-de-uso:

Uma quantidade maior de valor-de-uso cria, de per si, maior riqueza material: dois casacos representam maior riqueza que um. Com dois casacos podem agasalhar-se dois homens, com um casaco só um etc. Não obstante, ao acréscimo da massa de riqueza material pode corresponder uma queda simultânea no seu valor. Esse movimento em sentidos opostos se origina do duplo caráter do trabalho (MARX, 2008, p. 68).

Feuerbach resulta entonces menos visible, aunque sea de mucha mayor significación que lo que se supone habitualmente para la historia del origen de la dialéctica materialista” (SCHMIDT, 2011, p. 18).

⁵ O salto qualitativo representa uma categoria central da filosofia dialética, e acerca disso Domênico Losurdo comentou em seu livro *A hipocondria da antipolítica*: “Isso acontece apenas em Hegel: na sua lógica, como se sabe, a categoria do salto qualitativo é central” (LOSURDO, 2014, p. 30).

O valor é antes de tudo uma espécie de valores-de-uso, uma massa de riqueza conforme definiu o próprio Marx. Para que essa massa de riqueza se reproduza como espécie de mercadoria, é preciso que o valor de cada valor-de-uso caia em função da massa de riqueza e se reproduza como espécie média ou valor-de-uso social.

Produtividade é sempre produtividade do trabalho concreto, útil e apenas define o grau de eficiência da atividade produtiva adequada a certo fim, em dado espaço de tempo. O trabalho útil torna-se, por isso, uma fonte mais ou menos abundante de produtos, na razão direta de elevação ou da queda de sua produtividade. Por outro lado, nenhuma mudança na produtividade atinge intrinsecamente o trabalho configurado no valor (MARX, 2008, p. 68).

O trabalho configurado no valor é o trabalho útil que não sofre a interferência da produtividade. Trabalho útil e trabalho configurado nas coisas representam a fonte de valor e, ao mesmo tempo, a substância do valor que não se altera diante da produtividade do trabalho. O trabalho útil é o que se configura no valor, ou seja, é a substância configurada nos valores-de-uso e no valor ao mesmo tempo. Entre o trabalho útil e o trabalho configurado no valor, existe a variação de quantidades de valores-de-uso que não altera a quantidade de trabalho que se configura nas coisas. A magnitude de trabalho útil é a fonte de valor através da qual a massa de valores-de-uso corresponderá independentemente da produtividade; dessa forma, a produtividade não atinge o trabalho configurado no valor. As coisas são produzidas a partir da mesma substância configurada no valor, e a expansão da produtividade não compromete o trabalho útil enquanto substância criadora de valor e que também se configura no valor.

Considerações Finais

A produtividade não atinge nem magnitude do valor, nem tampouco o trabalho abstraído de sua forma concreta. A produtividade altera apenas a forma concreta das coisas úteis e os aspectos concretos do trabalho:

Uma vez que a produtividade pertence à forma concreta, útil, de trabalho, não pode ela influir mais no trabalho quando abstraímos de sua forma concreta, útil. Qualquer que seja a mudança na produtividade, o mesmo trabalho, no mesmo espaço de tempo, fornece sempre a mesma magnitude de valor. Mas, no mesmo espaço de tempo, gera quantidades diferentes de valores-de-uso: quantidade maior quando a produtividade aumenta, e menor, quando ela decai (MARX, 2008, p. 68).

Determinada magnitude de valor pode gerar mais valores-de-uso a partir da produtividade sem que tal magnitude de trabalho útil seja alterada. A condição para que a produtividade gere mais valores-de-uso é que a magnitude do valor não seja alterada, que determinada quantidade de trabalho útil não se altere com o desenvolvimento da produtividade. A massa de valores-de-uso representa uma magnitude de valor a partir dos efeitos da produtividade, portanto a diminuição ou elevação da magnitude do valor não altera o trabalho configurado no valor:

Consideremos ainda a variação da produtividade. A mesma variação da produtividade que acresce o resultado do trabalho e, em consequência, a massa dos valores-de-uso que ele fornece reduz a magnitude do valor dessa massa global aumentada quando diminui o total de tempo do trabalho necessário para sua produção. E vice-versa (MARX, 2008, p. 68).

Dessa forma, o trabalho configurado no valor se distingue dos efeitos da produtividade que acometem principalmente a forma concreta e útil do trabalho. O elemento intrínseco do trabalho é a sua natureza

substantial que permanece inalterada a despeito dos movimentos da produtividade. Através da produtividade, podemos perceber a distinção entre as formas úteis do trabalho e a abstração dessas formas úteis expressa através da magnitude do valor:

Para demonstrar que “apenas o trabalho é a medida definitiva e real com que se avalia e compara o valor de todas as mercadorias em todos os tempos”, diz Adam Smith: “Quantidades iguais de trabalhos, em todos os tempos e em todos os lugares, devem ter o mesmo valor para o trabalhador. No seu estado normal de saúde, força e atividade e com o grau médio de destreza que possua, tem sempre de ceder a mesma porção de lazer, liberdade e felicidade.” (*Wealth of nation*, v.I, cap. 5, [pp. 104 e 105.]) De um lado, A. Smith confunde, aí (embora nem sempre), a determinação do valor pela quantidade de trabalho despendido na produção da mercadoria com a determinação dos valores das mercadorias pelo valor do trabalho, e procura, por isso, demonstrar que iguais quantidades de trabalho têm sempre o mesmo valor. Por outro lado, pressente ele que o trabalho, enquanto representado no valor da mercadoria, só conta com dispêndio de força de trabalho, mas concebe dispêndio apenas como sacrifício de ócio, liberdade e felicidade, sem considerar que é também uma função normal da vida. Tem por certo em vista o moderno assalariado. O antecessor anônimo de A. Smith, citado na nota 9, diz de maneira muito mais precisa: “Um homem gastou uma semana para fabricar um artigo de consumo. [...] e a pessoa que lhe dará outro em troca, para melhor determinar o equivalente exato, bastará computar o que lhe custa o mesmo trabalho e o mesmo tempo; isto, com efeito, não é mais do que trocar o trabalho empregado por um homem numa coisa, durante certo tempo, pelo trabalho de outro em outra coisa, durante o mesmo tempo”. (*Some thoughts on the interest of Money in general etc.*, p. 39). (MARX, 2008, p. 68).

A redução da magnitude do valor através da produtividade não reduz a quantidade de valores-de-uso produzidas por uma determinada magnitude de valor. O resultado do trabalho acresce a massa global de valores-de-uso à medida que diminui o tempo necessário de trabalho. Há uma diminuição da magnitude de valor da massa de valores-de-uso e, ao mesmo tempo, a ampliação da quantidade de valores-de-uso ou da quantidade da massa global de valores-de-uso. Dessa forma, a magnitude de valor original com o impacto da produtividade passa a crescer trabalho e, conseqüentemente, mais valores-de-uso. Maior quantidade de valores-de-uso diminui o valor da massa de valores-de-uso sem comprometer a magnitude de valor original convertida em massa aumentada de valores-de-uso a partir da produtividade:

Casaco e linho são valores, mas valores que têm uma determinada grandeza, e, conforme nosso pressuposto, o casaco vale o dobro de 10 metros de linho. Donde se origina essa diferença nas grandezas dos valores? Decorre de estar contido no linho metade do trabalho que se encerra no casaco, tendo de ser despendida força de trabalho para a produção deste durante o dobro do tempo requerido para a produção daquele (MARX, 2008, p. 69).

Os esforços de Marx para conceituar o trabalho chegam a identificar duas naturezas do trabalho enquanto dispêndio de força humana. O trabalho abstrato que cria o valor das mercadorias e o trabalho como o dispêndio de força humana para um determinado fim enquanto trabalho concreto que produz valores-de-uso:

Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso. (MARX, 2008, p. 68).

O crescimento da massa de valor-de-uso não representa o crescimento da massa do valor. O trabalho acrescido com a produtividade se transforma em coisa útil, quer dizer, em valores-de-uso na medida em que o valor cai com a diminuição do tempo necessário para a produção das coisas. A manutenção da magnitude do valor é a manutenção do trabalho simples como medida do valor que a produtividade não altera ao produzir as coisas. A produtividade só é possível enquanto consequência da não alteração da magnitude do valor enquanto expressão do trabalho abstrato; nesse sentido, a massa de valores-de-uso e a massa de valor se desenvolvem a partir da magnitude de valor ou trabalho abstrato empregado na produção das coisas úteis.

Referências

- ARTHUR, Cristopher. *A Nova Dialética*. São Paulo: Edipro, 2016.
- LOSURDO, Domenico. *A hipocondria da antipolítica*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2014.
- MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SCHMIDT, Alfred. *El concepto de naturaliza en Marx*. Madrid: Siglo XXI, 2011.
- ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica – Excertos*. São Paulo: Barcarola, 2011.

Data de registro: 16/02/2021

Data de aceite: 05/09/2021